

a hora de maria
nuno lopes tavares



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

NOTA PRÉVIA

Esta é uma obra de ficção que integra elementos históricos, ou acontecimentos aceites por muitos como verdadeiros, em particular no imaginário coletivo do povo português e, de uma forma geral, no mundo católico.

Para a avó Natália, de quem nasceram todas as histórias.

O REGRESSO

ALJUSTREL (FÁTIMA), 13 DE SETEMBRO DE 1917.

— Ó mãezinha, não me obrigue a ir — pediu Lúcia com os olhos a explodir.
Maria Rosa era uma mulher de serenidade rude. Os seus dedos encarquilhavam-se de tanto lavar roupa gasta nas pedras comunitárias, mas com a filha ficava doce.

— Não vás. Não precisas de ir, Lúcia. Tu nem tens idade para estas coisas — respondeu-lhe a mãe.

A rapariga embrulhava os dez anos numa dúvida que a fazia sofrer. Desta vez vinha muito mais gente, chegavam de todo o lado. Iam pedir-lhe milagres, curas, empurrá-la com gritos com vontade de chorar. Acabaria por ir, sem grande coragem.

FÁTIMA, 4 DE FEVEREIRO DE 2013.

João Francisco não punha os pés em Fátima ia para mais de uma década. Regressou num dia soalheiro e de muito frio, em que poucos se aventuravam a rezar. Aos quarenta e dois anos era um homem pouco atraente, de estatura média, com bochechas encarniçadas por causa de um problema de pele de estimação. Entrou no santuário e contemplou o alcatrão cinzento-escuro na sua frente. Gostava de ali estar nas alturas mais calmas, com

poucas pessoas, sem a convulsão dos dias treze. Sentou-se num dos muros da parte lateral, com a Basílica de Nossa Senhora do Rosário no seu lado direito. Passava pouco das quatro da tarde e na Capelinha das Aparições celebrava-se uma missa. Não estava muita gente. O céu, completamente azul, trazia também um vento gélido que arregaçava os sentidos. Ao fundo, um peregrino terminava o seu caminho, percorrendo a última parte rastejando de bruços, limpando o pouco pó que existia. Uma senhora de meia-idade seguia atrás de joelhos, ganhando-lhe em velocidade, encurtando a distância entre os dois. Ateu desde os trinta, João respirava a mesma sensação de paz ao visitar aquele lugar. Talvez mais até do que na juventude, quando ainda acreditava em alguma coisa. Entregava-se ao frio e às memórias, quando uma mulher se sentou ali perto. Olhou para ele e acenou-lhe com um cumprimento discreto, de delicadeza católica. Devia ser pouco mais velha do que ele, com cabelo acastanhado muito comprido, que se esforçava por lhe tapar a cara por causa do vento. Sem pressa, João Francisco recuou quase trinta anos.

Vivera e crescera naquela região, sempre próximo de Fátima, que visitava frequentemente. Conhecia e respirava aquele sítio profundamente. Quando fez catorze anos, foi lá passar um fim de semana com um grupo de jovens. Eram aos milhares, os adolescentes que acorriam a Fátima naquele sábado de maio. A irmã Maria Júlia comandava as tropas e logo no autocarro repetia as regras à exaustão, mas os rapazes e as raparigas não a ouviam. Tremiam de excitação, enquanto subiam a serra de Aire, apontando o tamanho das pedras e outras banalidades. Ficariam alojados no Centro Pastoral Paulo VI, em duas camaratas separadas. Em pujante puberdade, eram as raparigas que motivavam João e os outros rapazes. A fé, as rezas, as mensagens, eram cilindradas pela descoberta, pelo cheiro puro e primaveril das meninas-mulheres. O perfume ainda simples de uma rapariga de quinze anos. A partir daí não mais conseguiriam replicá-lo, as mulheres. Com o passar dos anos, enegrecia, tornava-se mais intenso, escapando ao controlo do universo masculino. João Francisco lembrava-se das táticas para enganar a irmã Maria Júlia. Cumpriam religiosamente os horários de chegada a todas as atividades, fossem missas, conferências ou refeições, mas ao fim de cinco minutos esgueiravam-se para a liberdade, reaparecendo daí a uma hora ou duas, na obrigação seguinte, mostrando-se interessados, comportados. Depois fugiam novamente. Eram livres. A tarde estava quente, os casacos tinham-lhes escorregado para a cintura e descansavam no muro lateral do santuário. João mastigava um panado de peru numa carcaça, sentado

com as pernas para o lado de fora, porque não era permitido comer dentro do santuário. A poucos metros reparou numa rapariga, sentada no mesmo muro, com um ar muito calmo, de pele clara e cabelos negros. Parecia ter uns dezasseis ou dezassete anos e lábios com muita cor, quase pintados. Ficou hipnotizado, como ficaria talvez por muitas outras, mas não conseguiu desligar-se. Os amigos brincavam e empurravam-se em tolice permanente, mas ele não parava de a observar. Tinha a timidez justificada de um rapaz com a sua idade e paralisou nos atos, incapaz de sair dali. Ela foi tomando consciência da sua condição de aparição ajustada, pensava, ao local. Depois acenou-lhe que se aproximasse, chamou-o com o olhar. João deu passos seguros, demasiado seguros, ignorou o espalhafato dos colegas e foi sentar-se ao seu lado. Até foi ele quem começou a falar:

— Olá — disse a sorrir.

— Olá — respondeu ela, devolvendo-lhe a simpatia.

O peito do rapaz quase explodia de sensações, enquanto falava:

— Como é que te chamas?

Chamava-se Zita. Era do Porto e tinha dezasseis anos, quase dezassete. Não parecia incomodar-se com a diferença de idades. Falou-lhe de igual, contando coisas de si. Andava no mesmo ano que ele, por ter chumbado mais do que uma vez. Confessou-lhe ter tido uma depressão que a fez atrasar-se. Era a primeira vez que ele ouvia alguém falar nisto. Sabia o que era, mas não lhe dava muita importância, por ser estranha a ideia, distante do seu mundo, por enquanto. Conversaram um pouco até se despedirem com dois beijos. Ela ainda disse que depois deviam encontrar-se, pois só ia embora no dia seguinte, crente no acaso de quem se poderia achar no meio de milhares de outros jovens, num tempo sem telemóveis e outras formas modernas de contacto. Mas nunca mais se viram. João passou a noite acordado, a espaços sonhando com ela, quando não ria baixinho com os amigos, fazendo planos à luz de lanterna, para a conquista maior do fim de semana, o seu maior desejo, a camarata das raparigas, onde nunca chegariam.

Um vento ainda mais frio fê-lo arrepiar-se e acordar das recordações. Focou a visão e viu a mulher a espirrar três vezes seguidas. O contrair da face levou a que lhe aparecessem outras expressões, que lhe pareceram familiares. Embalado pelo passado, ficou a olhar, a analisá-la. Seria a coincidência um terreno tão liso, tão inesperadamente místico? Nesse exato momento, a mulher levantou-se de um salto. Era mais alta do que ele e tinha ossos estreitos, como uma Hepburn aparecida. Por um instante voltou-se para ele, para lhe atirar outro aceno, ainda católico, de despedida. E foi-se

embora. João olhou para o relógio. Também tinha de ir. Combinara encontrar-se com o seu velho amigo, o professor Eduardo Mendes, que vivia nos arredores da cidade. Eduardo fora professor de Filosofia de João, ainda no secundário. Tinha agora setenta anos e vivia sozinho numa quintinha às portas de Fátima. Quando se conheceram, enamoraram-se intelectualmente um pelo outro. João ficava fascinado com as aulas dele, alegres e com peripécias, teatros improvisados, sessões de discussão e libertação. Depressa esgotou o tempo da escola, que não lhe chegava, e foi bater à porta do professor para conversar, para saber mais. Este não escondia o orgulho pela conquista do interesse do jovem. Falavam horas a fio, sem regras ou dogmas, às vezes de saber, de ideias, outras de futebol e de amores, quando não era de ambos. Ficariam amigos para sempre.

Chegou ao portão da quinta, que estava sempre aberto. As dobradiças há muito que tinham enferrujado e nem sequer podiam mexer-se. Deixou o carro à beira da estrada e foi caminhado até à casa. Gostava de fazer assim, de ir passeando pela passagem estreita, entre as duas filas de limoeiros que ajudara a plantar há mais de vinte anos. Recebeu o odor acre que reconhecia, das flores que despontavam nas árvores. O ácido deixava-lhe uma sensação de eternidade, que o fazia chorar um pouco por reação, que lhe limpava o espírito, a acumulação de coisinhas que guardara desde que ali estivera pela última vez. Contornou a casa por conhecer os hábitos do professor, que a esta hora devia estar na parte de trás a regar os cravos. Era um homem liberal, de direita, mas que gostava de cravos e de contradições. Como a de um ateu convicto que foi viver às portas de Fátima. Encontrou-o dobrado em cima de um canteiro, inclinando água e talvez algum poema que gostava de ir deitando sobre as flores. Tinha o cabelo completamente branco e uma barba curta, de filósofo, pois claro. Atirou-lhe a frase do costume:

— Pois já aqui estou!

Eduardo virou-se, devagar.

— E estás muito bem — respondeu com um rubor. E perguntou-lhe:

— Como é que estás meu querido?

— Estou bem. Atrasei-me porque fui ao santuário.

— Eu imaginei que fosses — respondeu o professor, antes de dizer: — Não sei porque é que os cravos este ano não crescem. Estão pela metade do que deviam. Não percebo. Bom, anda, anda sentar-te.

Deixaram-se cair em sincronia num sofá velho. A tarde ia calma. Abrigados pelas sebes altas, não se expunham ao frio e podiam deixar-se ficar.

— Se não tivesse preguiça, ia buscar-te um chá. Se quiseres, está um jarro pronto na cozinha — ofereceu o professor.

— Daqui a pouco já vou — respondeu João.

Apesar de não conversarem há já algum tempo, os dois homens permaneciam em silêncio. Talvez trocassem ideias mentalmente, ou organizassem os temas de que queriam falar, os arrumassem de acordo com a sua importância.

— Então fala-me lá do teu projeto. Para quê tanto mistério? — questionou finalmente o velho filósofo.

João encolheu os ombros antes de responder:

— É um tema complicado. Pode causar alguma polémica.

Depois começou a contar-lhe como, quase por acaso, tinha tropeçado numa história incrível, a mais preciosa das conspirações, escondida à vista de todos nos últimos cinquenta anos.

— Já sabes que não gosto de conspirações. E muito menos de teorias — suspirou o professor.

— Eu sei, eu sei — apressou-se a João a justificar.

— Mas isso mete religião ou política? — perguntou o professor.

Os olhos de João pareceram tremer, na pausa que antecedeu a sua resposta:

— Mais do que isso. Mete Fátima.

1.º interrogatório de Lúcia, pelo pároco de Fátima:

Cova da Iria (Fátima), 13 de maio de 1917.

Andavam os três pastorinhos no campo quando viram um relâmpago. Levantaram-se e começaram a juntar as ovelhas para se irem embora com medo, depois viram outro relâmpago e uma mulher apareceu em cima de uma carrasqueira, vestida de branco, nos pés meias brancas, uma saia branca dourada, casaco branco, manto branco, que trazia pela cabeça. O manto não era dourado e a saia era toda dourada a atravessar. Trazia um cordão de ouro e uns brincos de argola muito pequeninos.

Lúcia perguntou-lhe:

— Que lugar é o de vocemecê?

Ela disse:

— O meu lugar é o céu.

— Para que é que vocemecê cá vem ao mundo? — perguntou a criança.

— Venho cá para te dizer que venhas cá todos os meses até fazer seis meses e no fim de seis meses te direi o que quero — respondeu a mulher.

Lúcia perguntou:

— Vocemecê sabe dizer-me se a guerra ainda dura muito tempo, ou se acaba em breve?

A mulher respondeu:

— Não te posso dizer ainda enquanto te não disser também o que quero.

Lúcia perguntou à mulher se ia para o céu, e ela respondeu-lhe:

— Tu vais.

— E minha prima? — questionou a pastorinha.

— Também vai.

— E meu primo?

— Esse ainda há de rezar as continhas dele — disse a mulher.

E depois disto abalou pelo ar acima.

Os outros dois ouviram as perguntas e as respostas, mas não fizeram perguntas.

A TROCA

Eduardo Mendes bebericava um resto de chá de limão, que lhe dançava com os pensamentos no fundo de uma caneca negra. Tentava organizar e dar prioridade às informações que recebera naquela tarde.

— Ai, João, onde é que te estás a meter? — exclamou para ninguém ouvir.

À sua frente tinha um portátil, com uma pasta de documentos aberta, estática, que parecia observá-lo. O seu título, «Sem segredos», gritava-lhe aos ouvidos, queria impor-lhe uma presença desconfortável. João saíra há vinte minutos, depois de lhe contar tudo sem pormenor. Recordava cada palavra que o amigo lhe emprestara, ao mesmo tempo que o seu rosto se ia fechando, preocupado. Olhou para o telemóvel poisado na mesa, medindo consequências, hesitando. Finalmente pegou no aparelho e marcou um número. Falou num tom grave e imperativo:

— Está? Sou eu. Vem ter comigo logo que possas! Até já.

Meteu o telefone no bolso do casaco e ficou a olhar para o fundo da caneca de chá, tentando adivinhar o que as formas amareladas lhe poderiam dizer. Apertou a gola, que agora sentia mais frio, e levantou-se num movimento rápido, antes de seguir para dentro de casa.

João parou o carro em frente do hotel onde ia ficar hospedado, o Domus Pacis Fátima. Era um edifício grande e apalaçado, que fora renovado recentemente. Quando fez a reserva pela Internet, chamou-lhe a atenção a sua

arquitetura. Apesar de, como a maior parte dos hotéis em Fátima, estar vocacionado para o turismo religioso, tinha um apontamento arquitetónico que o confundia. Talvez por ignorância, ou por uma qualquer memória de outros tempos, a cúpula que o hotel ostentava parecia-lhe deslocada de Fátima, do catolicismo. Fazia-lhe mais lembrar uma construção de origem árabe, de influência bizantina. Talvez por isso, e por pequena rebeldia, lhe deu algum gozo hospedar-se ali mesmo. Entrou no hotel com a mala a rolar atrás de si e dirigiu-se a um dos rececionistas:

— Boa tarde. Tenho uma reserva em nome de João Francisco Menezes.

— Muito boa tarde, senhor Francisco. Seja bem-vindo ao Domus Pacis

— respondeu o empregado sorridente atrás do balcão.

Começou a digitar energicamente num teclado, enquanto fazia expressões estranhas, ou tiques, sempre com um sorriso treinado de que não desistia. Era um homem de uns cinquenta anos, com uns quilinhos a mais, metidos com aprumo dentro do uniforme castanho-escuro.

— Ora aqui está. O seu quarto é o trinta e sete, no terceiro andar — informou-o o rececionista, alargando o sorriso a um limite sobre-humano.

João agradeceu-lhe a gentileza e subiu para o quarto. Sentiu o telemóvel a vibrar num dos bolsos, mas adiou-lhe a atenção, com as mãos cheias de papéis, o cartão de acesso ao quarto e brochuras de Fátima. Entrou na habitação e começou tudo a cair-lhe, espalhando literatura turística pelo pequeno corredor de entrada. O quarto era acolhedor, com duas camas de colchas brancas, um LCD azulado em cima de uma secretária e uma Bíblia na mesinha de cabeceira entre os dois leitos. Sorriu. Gostava de ler a Bíblia, apesar da sua condição de não crente, mas nunca viajava com uma, ainda mais para Fátima. Sabia que ela sempre o aguardava, solene, umas vezes de capa negra de pele, outras em versões mais sóbrias. Esta era original, com uma inédita capa em branco sujo, e que mais tarde lhe traria o sono.

O professor arrumava louças num armário, quando ouviu a campainha da porta da frente. Poisou uma enorme caneca ainda por secar e dirigiu-se à entrada.

— Demoraste muito — resmungou ele para o homem que esperava à porta.

O convidado entrou, fechando a porta de forma delicada. Seguiu o professor para uma pequena sala de estar, de paredes forradas a quadros e papel antigo. Sentaram-se em silêncio, em dois cadeirões revestidos com

cabedal verde-escuro, virados um para o outro num ângulo largo. O visitante estava integralmente vestido de negro, e até o cabelo, penteado a gel e geometria, respeitava o tom das vestes. Pintava-o de duas em duas semanas, confessavam as rugas, revelando-lhe a idade já perto dos sessenta. No pulso direito, uma pulseira apertava-lhe a circulação, negra, numa mistura de couro e metal, prendendo um crucifixo minúsculo. O professor falou primeiro:

— Se calhar temos problemas.

O homem assumiu um esgar de surpresa e temor, que lhe afundou ainda mais as rugas.

— Problemas? Porquê? — perguntou, hesitante.

Depois inspirou lentamente, para se recompor e, ante o silêncio de Eduardo, questionou: — Mas é o teu amigo? O que é que ele disse?

Eduardo Mendes levantou-se, para caminhar em círculos em frente dos cadeirões. Cuspiu-lhe uma resposta com agravo:

— Disse muito, meu caro padre Manuel. Dos pastorinhos, da Lúcia, dos interrogatórios. Sabe muita coisa.

Perante a dúvida emudecida do pároco, continuou:

— Sorte a vossa que ainda não fez as ligações todas, mas lá chegará. Por agora tem um amontoado de informação dispersa, rumores, teorias, lendas. Uma orgia de dados. Mas ele é inteligente, é uma questão de tempo.

— Mas porquê isto? O que é que ele quer? — perguntou o padre Manuel.

— Sei lá. Sabia que ele andava a preparar um livro, mas só hoje me contou mais pormenores. Vocês também não facilitaram, que raio. Bendita arrogância. Porque é que não ficaram quietos? Séculos a esconder documentos, e em Fátima desatam a publicar. Onde é que pensas que ele foi investigar? Na documentação do santuário, claro. — O professor ia aumentando a irritação, enquanto o padre se afundava no cadeirão.

— Só por mero acaso ninguém perceberia. Basta ler, meu caro. Basta ler — protestou ele.

— E agora? — perguntou, a medo, o padre.

Eduardo pensou durante alguns segundos, antes de responder:

— Agora? Agora temos de ter calma, perceber onde é que isto vai dar. Preciso de tempo. Ele deixou-me um monte de documentos e vai mandar-me mais. Preciso de tempo para os ler.

O padre Manuel não disse mais nada. Despediu-se com o olhar e saiu em absoluto silêncio. Estava muito pálido, pareciam ter-lhe nascido duas

olheiras profundas, que lhe encovavam a expressão. Caminhou sem pressa até chegar perto do seu carro. Poisou as mãos sobre o tejadilho e ficou uns segundos imóvel, tentando organizar o espírito, a preparar-se para o que aí vinha. Sussurrou:

— Valha-me Deus.

Dentro de casa, Eduardo passava páginas e mais páginas no portátil. Abria documentos e ligações para a Internet, andava para trás e para frente, relia os mesmos parágrafos, abanava a cabeça, não parando de repetir:

— Não pode ser.

No hotel, João fazia o mesmo, mas sem espanto. Corria os documentos de forma tranquila, sem sequer os ler. Absorvia o seu conteúdo, que já conhecia de cor, deixando que o branco das folhas virtuais lhe embalasse a imaginação. Nesse momento, ouviu passos no lado de fora, no corredor. Pareceu-lhe que alguém passava apressado junto à porta do seu quarto. Por momentos deixava de os ouvir. Depois voltavam, mas no sentido contrário. Tentou abstrair-se da estranha cadência, mas o barulho e a curiosidade distraíam-no. Levantou-se e foi encostar a orelha esquerda à porta. Nada. Os passos tinham parado e não havia qualquer ruído do lado de fora. Ficou um segundo à espera. De repente, três pancadas ligeiras estremeceram a madeira escura e fizeram-no saltar de susto. Recuou alguns passos, olhando a porta, procurando o ar que lhe escapou, para perguntar:

— Quem é?

UMA REUNIÃO

1.º interrogatório de Lúcia, pelo pároco de Fátima:

Cova da Iria (Fátima), 13 de junho de 1917 — 2.ª aparição.

Diz a Lúcia que esteve um bocado à espera e durante este tempo esteve a rezar o terço, e quando iam para rezar à ladainha disse, «não comecem que já não têm tempo», pois estava muita gente, por já se ter visto o relâmpago, e dirigiu-se à carrasqueira com o povo que estava; ao chegar fez uma vénia dobrando um joelho e ao mesmo tempo chegou a Senhora, vindo em linha oblíqua do lado nascente, e fez a pergunta:

— Então o que é que me quer?

— Quero dizer-te que voltes cá no dia 13 e que aprendas a ler para te dizer o que é que eu quero.

— Então não quer mais nada?

— Não quero mais.

O traje era: um manto branco que da cabeça chegava ao fundo da saia, era dourado da cintura para baixo dos cordões a atravessar, e de alto a baixo e nas orlas era o ouro mais junto. A saia era toda branca e dourada em cordões ao comprido e a atravessar, mas só chegava ao joelho; casaco branco sem ser dourado, tendo nos punhos só dois ou três cordões; não tinha sapatos, tinha meias brancas, sem serem douradas; ao pescoço tinha um

cordão d'ouro com medalhas aos bicos; tinha as mãos erguidas; tinha nas orelhas uns botões muito pequeninos e muito chegados às orelhas; separava as mãos quando falava; tinha os olhos pretos; era de meia altura.

A noite começava tranquila. Ainda não tinha escurecido completamente, mas Eduardo ligava sempre os faróis do carro, mesmo de dia. Olhou para a sua direita, onde a basílica do santuário começava a transformar-se numa sombra, num recorte cinzento-escuro, contra o céu arroxeadado que expulsava a luz do dia. Conduzia um antigo *Ford Cortina*, que lhe fora oferecido pelo avô. Há muito que a mecânica cedera por completo e já eram muito poucas as peças originais. Por capricho, diziam alguns, que lhe invejavam a relíquia, por sentimento sabia-o bem, para ter as memórias perto de si. Eduardo Mendes pertencia a uma família abastada, daquelas que já nascem com dinheiro e terras e um nome de impor respeito. Cresceu numa aldeia perto de Évora, num casarão senhorial, com um número absurdo de quartos e mais empregados do que familiares. Ainda lhe pertencia e a mais duas primas direitas, que por lá viviam sozinhas e rabugentas. Os empregados já não eram tantos, porque as velhas se agarravam cada vez mais ao dinheiro. Mas ele não, perdeu-lhe o gosto no dia em que o pai morreu, debaixo de um rodado de carroça, à porta da igreja, gritando por um Deus que não o ouvia ou não o pôde acudir. Eduardo sacudiu o passado para se concentrar na condução. A poucos quilómetros do santuário virou à direita, numa pequena estrada de terra sem qualquer iluminação. O caminho serpenteava por uns duzentos metros, até se tornar mais largo, com o piso coberto por uma brita muito fina e branca. Os dois lados eram guardados por candeeiros de aspeto ameaçador, de luz amarelada muito ténue, projetando sombras, misturando-as com as árvores de grande porte que dispersavam a realidade. Ao fundo erguia-se uma casa alta, negra àquela hora, de pontinhos iluminados sem padrão, uma sala ou um quarto, um corredor no piso superior. Eduardo parou o carro perto da entrada principal do casarão. Já lá estavam outros, automóveis de grande cilindrada que pareciam nem reparar no pobre *Cortina* branco, arrefecendo motores enormes com ventoinhas sincronizadas. Olhou uma vez para trás, para os contar, aos carros, e em seguida entrou pela porta principal, que não estava trancada. Havia um átrio relativamente pequeno, considerando a dimensão do casarão, em formato oval, com cinco portas dispostas simetricamente. Apesar da luz fraca,

conseguia ver o andar superior, com uma varanda também oval, imitando a forma do espaço em baixo. Pequenas lamparinas alternavam com portas fechadas, e com estatuetas de madeira assentes num corrimão de ferro escuro. Avançou em passos médios, dirigindo-se à porta em frente, um pouco maior do que as restantes. Ouviu vozes distantes, que sabia estarem abafadas pela madeira, e respirou fundo, esticou-se como um atleta que se prepara para uma prova desportiva. Dois, três segundos e abriu a porta para entrar. O ruído atingiu-lhe a face e a audição como previra, fruto da discussão sem ordem que lhe concedeu uma ligeira pausa, um cumprimento coletivo dos quatro homens que o observavam.

— Ora ainda bem que já chegaste — falou-lhe o António.

António Figueiredo de Souza, sessenta e três anos, diretor financeiro do santuário e um dos homens mais poderosos de Fátima. Era muito alto e atlético, com uma voz de barítono que ressoava em quaisquer condições acústicas. Vestia um fato cinzento-escuro, gritando luxo em cada ponto e bainha. O rosto era arredondado como a barriga e doce, agradável, destoando do impacto inicial que causava. Eduardo cumprimentou-o com vigor, repetindo o gesto com os restantes, sentados em poltronas revestidas a couro que parecia couro, que cheirava a pele. O padre Manuel apertou-lhe a mão cabisbaixo, com o olhar no chão. Não disfarçava o desconforto daquele momento. Vinha ao de cima a sua personalidade metida para dentro, sem força e com medo, sempre com medo. Eduardo estimava-o muito. Era dos poucos ainda humildes, honestos, que acreditavam na sua missão e que a desempenhavam desinteressadamente. Devia também ser o único na sala que acreditava em Deus, sim, em Deus, entre mais quatro homens de religião e um filósofo velho e ateu. Era o operacional do grupo, querendo tal significar que era pau para toda a obra. Fazia tudo o que lhe mandavam e ainda geria uma paróquia a vinte quilómetros de Fátima. Eduardo pôs-lhe a mão no ombro e ofereceu-lhe conforto, um toque sincero de amizade. Depois sentou-se numa cadeira estofada com um tecido verde que parecia bombazine. Achava a diferenciação de assentos ridícula e incapaz de o atirar para um papel menor. As poltronas e a cadeira formavam um círculo, com uma pequena mesa ao centro, um candeeiro de luz fraca em cima e vários copos, três deles com água e um a rebentar de gelo e de um líquido dourado, em frente de António.

— Bem. Já sabem o que se passa, certo? — perguntou Eduardo.

Um silêncio breve passou pelas expressões faciais dos presentes, interrompido por uma voz baixa e rouca:

— O Manuel relatou-nos a vossa conversa de hoje, mas estávamos à espera de mais informações, antes de nos enforcarmos.

A ironia era uma companhia da qual o padre Anselmo não abdicava, fosse qual fosse a circunstância.

— Não acho que seja necessário tanto, Anselmo. Quando isto acabar, deve haver quem trate disso por nós — respondeu Eduardo, provocando uma gargalhada a António, carregada de *whisky* e nicotina.

Anselmo Franco era um homem pouco preparado para lidar com quem lhe fazia frente, habituado a disparar contra um público amordaçado e em pânico. Era o responsável pela biblioteca do Santuário de Fátima, função que desempenhava há quarenta e dois anos, ao mesmo tempo que dirigia o Seminário de S. Nicolau, uma das mais antigas e prestigiadas instituições de ensino de Fátima. Nada era publicado sem a sua aprovação e, diziam alguns, lia e corrigia até o mais pequeno artigo emanado da diocese de Leiria-Fátima. Herdou a função do pai, D. Fernando Franco, que dera início à organização do acervo literário da Igreja Católica em Fátima. Era dos poucos com plenos poderes sobre as centenas de milhares de títulos do santuário e nessa função respondia, em teoria, apenas ao bispo de Leiria-Fátima. Completamente careca, tinha absoluta confiança nos seus poderes de intimidação, que concentrava em olhos azuis muito claros e penetrantes. As veias da testa pulsaram-lhe com brutalidade quando falou:

— Deixemos as cordas por agora. Conta-nos do teu amigo.

Eduardo atrasou a fala por dois segundos, escolhendo as palavras com precisão:

— O João foi meu aluno no secundário. Até pensei que seguisse filosofia, mas acabou por ser desviado pelas leis, em Coimbra. Agora vive em Lisboa, é advogado numa firma. Também escreve, mas mais num registo histórico e jornalístico, às vezes uns ensaios. Há dois ou três meses ligou-me muito entusiasmado, tinha um novo projeto em preparação e queria falar comigo, porque era sobre religião. Na altura não estranhei. Ele sempre foi fascinado por estes temas, apesar de não ser crente. — Eduardo parou um pouco, o pensamento correndo mais rápido do que as cordas vocais. — Devia ter antecipado isto — confessou.

— Mas o que é que ele sabe? — perguntou António.

— Ainda não consegui ler tudo o que me enviou, mas o livro centra-se nos segredos dos pastorinhos. Em especial no terceiro.

Anselmo interrompeu-o:

— Isso é tema para intelectuais e teorias da conspiração. Há centenas.

Conto-te já uma dúzia se quiseres. Ninguém lê aquilo e agora ainda menos. Vão à Wikipédia e já é muito.

— É um erro menosprezá-lo. Do que li, fez tudo bem, juntou as provas, compilou os documentos — disse Eduardo, para ser novamente interrompido por Anselmo.

— Certo. Vamos ver o que ele tem, mas duvido muito. O que é que ele vai dizer? Que o segredo não existia, que não foi referido pelos miúdos nos primeiros interrogatórios? Isso já sabemos. Que o texto do terceiro é uma obra de filosofia avançada? Que raios, homem. É óbvio que não foi ela que disse aquilo, muito menos com dez anos. Qual é a novidade?

Eduardo levantou-se e foi buscar um copo de água. A um canto da sala havia uma mesa triangular, com um jarro e vários copos. Encheu um, que bebeu de um trago. Encheu outro até meio e regressou ao círculo de homens. Rodou o olhar por cada um deles, antes de voltar a sentar-se. Com o copo na mão, fechou os músculos da cara, fotografando as expressões de expectativa. Por fim falou:

— Sim, é verdade. Pouco do que ele possa contar é novo, mas fá-lo-á de forma mais clara e mais competente. É suficiente para levantar dúvidas. E há um pormenor. Uma coisa com capacidade para contagiar o resto e pôr tudo em dúvida. Uma informação que eu não conhecia e que, para ser sincero, ainda não entendi bem. — Fez uma pausa, antes de continuar com uma pergunta: — O que é que se passou com a Lúcia? O que é que lhe aconteceu em cinquenta e oito?

A sala dividiu-se. O resultado da última frase encontrou duas realidades nos presentes. De um lado, o padre Manuel e o António, aparentemente sem entenderem, não reagindo, quase em dúvida, esperando que Eduardo terminasse, contasse mais, em contraste com Anselmo, a quem o sangue afluíu de jorro ao olhar, para depois recuar, deixando-lhe uma palidez que parecia morte. Nessa altura, meio encoberto por uma sombra, revelado pela luz fraca do candeeiro, a voz, a alma que se havia deixado quieta, o único que até então se limitara a escutar, disse por fim:

— Somos capazes de ter um problema.

ONDE ESTÁS?

Meia-noite e meia e o *Cortina* branco fazia o caminho de regresso a Fátima, os faróis a dançarem com o breu que virava à esquerda e à direita. O motor de duzentos e noventa cavalos tinha um ronco moderno, desajustado à carroceria, peça de museu. O mecânico quase desesperara para cumprir o pedido de Eduardo, para conseguir encaixar um motor novo no velho *Ford*. «Você dá cabo de mim», dizia ele, «Isto é pior que relojoaria», queixava-se. O professor embalava-se no som do carro, para se distrair do que tinha ouvido. Tentou ligar novamente para o telemóvel do João, que continuava desligado.

— Onde é que andas? — gravou na mensagem de voz que lhe deixou.

Mais dez minutos e estava parado em frente do hotel Domus Pacis. O motor calou-se com um safanão característico e o silêncio apareceu. A noite aquecera um pouco, com o vento a dar algumas tréguas. Um enorme carvalho ocupava a rotunda em frente da entrada do hotel. Saiu alguma coisa a voar dos ramos superiores, mas Eduardo não olhou para cima. Dirigiu-se à receção do hotel, onde um empregado jovem de olhos sonolentos o cumprimentou.

— Boa noite. É possível ligar para o quarto do senhor João Menezes? — perguntou Eduardo.

— O senhor Menezes não está no quarto. Saiu há umas duas horas.

Na província não se acha estranho falar das outras pessoas. Não é

preciso uma ordem judicial para se saber em que quarto está um hóspede, ou a que horas saiu. Basta perguntar.

— Ele não deixou nenhum recado para mim, Eduardo Mendes?

— Não senhor — respondeu o rececionista.

Eduardo já preparava um agradecimento quando percebeu que o rapaz ainda falava:

— Ele saiu com uma senhora.

Ao dizê-lo, o jovem encarniçou pela consciência da indiscrição, ou quem sabe pela memória da mulher que acompanhava João.

— Muito obrigado. E boa noite — respondeu Eduardo.

Saiu do hotel e foi sentar-se num banco de pedra, ao lado do *Cortina*. Acendeu um cigarro e ficou a pensar. Onde estaria João? Com quem saíra? Não tinha ideia de que conhecesse alguém em Fátima. Era estranho.

O fumo subiu em linha reta e o crepitar do papel devolveu-lhe alguma calma, ajudando-o a refletir.

— Isto não vai correr bem — confessou baixinho.

A frase não lhe saía do espírito — somos capazes de ter um problema. Vinda de quem veio, o problema podia ser bem grave. O quarto elemento na sala mal iluminada, aquela figura singular causadora de arrepios — Joaquim Nunes Formigão. O Dr. Nunes Formigão, como o pai, que nesta terra se herda o nome ou os cargos. Ou os dois, bem vistas as coisas. Mesmo que, como Joaquim, se seja filho escondido, meio bastardo. Na verdade nem fora muito escondido, apenas não assumido de forma legal, durante parte da sua vida, mais por conveniência do que por pretense decoro. Joaquim era filho do Dr. Manuel Nunes Formigão, do cónego Formigão, do visconde de Montelo, figura maior da Igreja, escritor, historiador, relator do processo canónico das aparições. Não haveria Fátima sem Formigão. Quem seria ele, sem as aparições e os milagres? Eduardo ainda o viu uma vez, quando era miúdo, num treze de maio em Fátima, causou-lhe estranheza, queixou-se então ao avô. E razões pareciam existir para tal, sem que o soubesse. O Dr. Formigão sempre o fascinara, a sua história pelo menos. Era seguramente a personalidade com maior intervenção em todo o fenómeno fatimista, o «pai de Fátima», como alguns lhe chamavam. No entanto, pergunte-se a alguém se o conhece, se dele ouviu falar e quase nada, um desconhecido fora da esfera religiosa. O filho Joaquim nasceu de uma relação secreta, ou discreta, e seria criado com o cónego até à morte deste. Ainda jovem, Joaquim soube-se destinado a substituir o pai. Não era bem estranheza que causava, eram arrepios e respeito, medo talvez, que

ninguém parecia sobrepor-se-lhe. Formou-se em Teologia, estudando no Vaticano e em França. Voltou depois a Portugal e recusou ocupar qualquer cargo na estrutura da Igreja ou sequer em Fátima. Não quis, não precisou. Foi viver para o casarão, controlando o santuário a partir dali. Era na sala de poltronas que se discutiam os problemas, que se tomavam decisões, ou tomava-as ele na maior parte dos casos. Ia já a meio caminho dos oitenta, mas tinha um porte impressionante, alto, com ombros largos; face comprida, vertical, cabelo sempre cortado rente, olhos negros muito fundos, difíceis de enfrentar, mesmo atrás de uns óculos banais, obrigando a maior parte a baixar-se, a olhar noutra direção. A voz era ainda mais imponente, misturando um tom grave com uma ligeira rouquidão, parecendo vibrar mais quando se irritava, que se irritava pouco na forma, bastando-lhe para isso o olhar.

Eduardo não sabia o que fazer. Digeria ainda a história, a revelação sobre a irmã Lúcia. João Francisco estava perto de desvendar tudo, percebia-se nos documentos. Porém, faltavam-lhe algumas conclusões, deseñhara ainda muitos pontos de interrogação. Podia lá chegar, sim, era capaz, mesmo sem o arsenal de documentos que o santuário mantinha escondido. Os mesmos que permitiram ao Dr. Joaquim Formigão enunciar aos restantes a dimensão do problema, caso João descobrisse a verdade.

— Ai meu Deus — lamentou-se Eduardo — Meu Deus, que não existes, como é que vais resolver isto?

Interrogatório de Jacinta, pelo Dr. Nunes Formigão:

Fátima, 19 de outubro de 1917.

— *No dia treze do corrente viste ao pé do Sol Nosso Senhor a Senhora da Dores e a Senhora do Carmo?*

— *Não vi.*

— *Mas a onze deste mês disseste-me que deviam aparecer.*

— *Disse. A Lúcia é que viu outra Senhora, eu não.*

— *Viste S. José?*

— *Vi. A Lúcia disse que S. José estava dando a paz.*

— *Olhaste para o Sol?*

— *Olhei.*

— *E o que é que viste?*

- *Vi o Sol encarnado, verde e de outras cores e vi que andava à roda.*
- *Ouviste a Lúcia avisar o povo que olhasse para o Sol?*
- *Ouvi. Ela disse numa voz muito alta que olhassem para o Sol. O Sol já andava à roda.*
- *Foi a Senhora que a mandou avisar o povo?*
- *A Senhora não disse nada.*
- *O que disse a Senhora desta última vez?*
- *Disse: venho aqui para te dizer que não ofendam mais o Nosso Senhor, que estava muito ofendido, que se o povo se emendasse acabava a guerra, se não se emendasse, acabava o mundo. A Lúcia ouviu melhor do que eu o que a Senhora disse.*
- *Disse que a guerra acabava nesse dia ou que acabava brevemente?*
- *Nossa Senhora disse que quando chegasse ao Céu acabava a guerra.*
- *Mas a guerra ainda não acabou!...*
- *Acaba, acaba.*
- *Mas então quando acaba?*
- *Cuido que acaba no domingo.*

A FORMIGA E A CIGARRA

Joaquim Formigão está no seu quarto, caminhando de um lado para o outro. É uma divisão retangular com quase trinta metros quadrados. No lado direito, quem entra vê uma cama de casal anormalmente grande, com mais de dois metros de largura. A base é toda de madeira maciça e trabalhada em estilo gótico. É exagerada, não pertence ali, com dezenas de figuras esculpidas, histórias que se contam no baixo-relevo, gárgulas, corpos decapitados ou sem membros, cenas de um inferno imaginado, sem direito a elementos de esperança, sem anjos ou símbolos de redenção. Como se a perdição e o castigo fossem a única conclusão, fossem destino. Não significava nada para Formigão. Herdara a mobília com a casa, a cama, as poltronas, as cristaleiras com excesso de louça, dezenas de animais embalsamados na cave, abutres, raposas, um javali, uma dúzia de gatos. Nada lhe importava. Não importara também ao pai, que nem sequer ali viveu muito tempo. Pertencera a uns tios afastados, sem filhos, que morreram num acidente trágico, numa caçada no Alentejo. Joaquim continuava a andar, repetindo voltas no fundo do quarto, onde havia uma secretária simples em frente de uma estante esgotada de livros e manuscritos antigos. Em cima da secretária um ecrã de computador brilhava a branco, com um documento de texto aberto. Sentou-se de novo em frente do mesmo, rolou o cursor, andou com as palavras para cima e para baixo, relendo as notas que Eduardo lhe deixara:

...

Projeto Fátima — «Sem segredos» — João Francisco Menezes.

1. O estudo das Aparições de Fátima de 1917 tem o seu ponto central na comparação dos diversos interrogatórios feitos aos três pastorinhos, com o processo canónico e com as Memórias da Irmã Lúcia, escritas pela vidente a partir de 1935. Lendo os diferentes documentos, quase podíamos pensar estar perante casos distintos. Entre os primeiros relatos, feitos pelas crianças ao pároco de Fátima Manuel Marques Ferreira e os escritos (Memórias) da Irmã Lúcia, existe um abismo, uma construção progressiva do mito, uma complexificação e orientação do pensamento teológico e de toda a história do fenómeno. Esta evolução, ou transformação, é uma nítida fotografia do que aconteceu, em Fátima e mesmo no país.

2. Os primeiros interrogatórios revelam uma história simples, cândida, de uma figura com um metro e dez de altura e cerca de doze anos, que vem do céu e aparece em cima de um arbusto. Que não diz quem é, que tem brincos, olhos negros e uma saia branca até aos joelhos. As conversas com Lúcia são simples, muito curtas, falam da necessidade de rezar, das aparições dos meses seguintes e de pouco mais. Não há segredos, visões do Inferno ou bispos de branco. Lúcia fala do que a preocupa, do que preocupa as gentes, da Grande Guerra, das curas e das conversões que lhe encomendam, do seu lugar (e dos primos, Jacinta e Francisco) no Céu. Do destino a dar ao dinheiro que era deixado na Cova da Iria, de um vidro com água de cheiro que alguém quisera oferecer à Senhora e que a mesma recusara por não ter conveniência no Céu (como também não teriam uns brincos).

3. Os factos começam a mudar, a ajustar-se, com os interrogatórios do cônego Formigão. O vestido da Senhora cresce em comprimento, que as crianças se teriam seguramente enganado ao destaparem-lhe as canelas. A profecia do fim da guerra é ajustada na forma («acaba brevemente»), por não ter terminado a treze de outubro de 1917, como insistiu Lúcia (e previra a Senhora), nem sequer no domingo seguinte, como precisou Jacinta. Surgem pela primeira vez as referências aos segredos, que ainda assim começaram por ser apenas um, que as crianças

se recusavam a revelar, preferindo ser castigadas, até mortas. No entanto, Jacinta admite que o segredo é sobre os pastinhos e Francisco confirma que o povo ficava triste se o soubesse. Visão diferente da prima (Lúcia), que à mesma questão sobre a tristeza do povo perante a revelação do segredo respondeu: «Cuido que ficava como está, quase na mesma.»

4. As alterações na história, aparentemente ligeiras, cirúrgicas, nos anos vinte, deram lugar a uma verdadeira revolução, nas Memórias da Irmã Lúcia. Os parcos relatos iniciais, sem vestígios de reflexão ou até de consciência, transformam-se (dir-se-ia até que são substituídos) em conteúdos mais densos, de pensamento complexo, teológico (filosófico?), impossíveis na voz de uma criança de dez anos e analfabeta. Porém, Lúcia já não era uma criança, nem analfabeta. Enclausurada, condicionada desde cedo, reflete nas palavras escritas a evolução do seu pensamento religioso, emprestando às memórias de 1917 uma nova visão. Ajudada, inspirada pela Virgem, dirão alguns, disse ela também. Influenciada, pressionada pelas circunstâncias que a rodearam desde as aparições (com especial destaque para o papel dos seus confessores, jesuítas, em Espanha), não poderá alguém deixar de questionar.

Excerto das Memórias da Irmã Lúcia I:

Aparições de Nossa Senhora.

«Depois de nos haver dito que íamos para o Céu, perguntou:

— Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

— Sim, queremos — foi a nossa resposta.

— Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.»

Dúvidas de Lúcia.

«Quando vi Sua Rev.^{cia} interrogando com toda a paz e até com amabilidade, fiquei admirada. No entanto, conservava a

expectativa do que viria. O interrogatório foi muito minucioso e, quase me atrevia a dizer, maçador. Sua Rev.^{cia} fez-me uma pequena advertência, porque, dizia:

— Não me parece uma revelação do Céu. Quando se dão estas coisas, por ordinário, Nosso Senhor manda essas almas a quem Se comunica, dar conta do que se passa a seus confessores ou párocos e esta, ao contrário, retrai-se quanto pode. Isto também pode ser um engano do Demónio. Vamos ver. O futuro nos dirá o que havemos de pensar.»

Jacinta e Francisco encorajam-na.

«Quanto esta reflexão me fez sofrer, só Nosso Senhor pode saber, porque só Ele pode penetrar o nosso íntimo. Comecei, então, a duvidar se as manifestações seriam do Demónio, que procurava, por esse meio, perder-me. E, como tinha ouvido dizer que o Demónio trazia sempre a guerra e a desordem, comecei a pensar que, na verdade, desde que via estas coisas, não tinha tido mais alegria nem bem-estar em nossa casa. Que angústia que eu sentia! Manifestei a meus primos a minha dúvida. A Jacinta respondeu:

— Não é o Demónio, não! O Demónio dizem que é muito feio e que está debaixo da terra, no Inferno; e aquela Senhora é tão bonita! E nós vimo-La subir ao Céu.»

Após duas horas sentado em frente do portátil, Joaquim Formigão levanta-se com um espreguiçar discreto. Tem uma expressão difícil de perceber, entre o riso e a preocupação, enquanto retira um caderno da estante atrás da secretária, um volume antigo e gasto, preparado pelo seu pai. O cheiro a velho relaxa-o e o pó fá-lo tomar uma nota mental, de repreensão futura à empregada de limpeza. Dirige-se à porta de vidro com acesso à varanda e atravessa-a, respirando o ar fresco da madrugada, o silêncio quase absoluto que rodeia o casarão. Pensa no que leu, sem juízos precipitados, ou as histerias frágeis que abomina. Não, não era ainda tempo de agir. Outros tentaram, muitos, escreveram, debateram, tentaram ridicularizar e desacreditar as aparições de Fátima. Outros melhores, mais influentes, nada atingiram. Fátima cresceu, venceu, misturou-se com a história julgada oficial. Quem pesquisar, os poucos que o fazem, fica-se pela Internet, como argumentara Anselmo, descobrindo versões que poderiam ter sido copiadas diretamente

do *site* do santuário, da versão oficial, pois então. Em 1957, o proeminente Tomás da Fonseca publicava o violento *Na Cova dos Leões*, reunindo as cartas que o mesmo escrevera e enviara ao cardeal Cerejeira. João Ilharco iria ainda mais longe, anos depois, com a obra *Fátima Desmascarada*, em que falava de um embuste e de uma conspiração bem orquestrada. Atos falhados, obras sem significância futura, pouco conhecidas, ignoradas. Esta não seria diferente, com maior ou menor necessidade de intervenção, ou de contenção. Agradava-se, no entanto, Joaquim. Daí um riso, a satisfação intelectual perante a obra em construção. Era coerente, acertava em quase tudo, era lógica, estruturada. Afinal, talvez fosse necessária alguma ação, pensou. Deixou para o fim um capítulo, não o leu. Deteve-se no seu início e na arrogante previsão do que podia conter. Inspirava a noite, fazia conjecturas por causa de uma frase, dava-lhe prazer a antecipação de uma luta, por Deus, talvez de um combate. Ele gostava de combates. Sentou-se num banco meio apodrecido, encostando-se à parede rugosa e fria. Segurava ainda o caderno e antecipava o capítulo que não lera e a frase que teimava em reconhecer — «A segunda irmã Lúcia».

Notas do Dr. Manuel Nunes Formigão — Documentação Crítica de Fátima:

27 de setembro de 1917.

«Não é verosímil que três crianças de tão tenra idade, uma delas com sete anos, rudes e ignorantes, mintam e persistam na mentira durante tantos meses, posto que sejam tão obsediadas com perguntas e interrogatórios de toda a ordem e ameaçadas pelos representantes da autoridade eclesiástica e da autoridade civil e por tantas pessoas a quem elas devem consideração. Nenhuma consideração, nenhum temor é capaz de demovê-las de afirmar que vêem Nossa Senhora. Nem a prisão a que as sujeitam, depois de as arrancar violentamente ao seio da família e de as levarem para longe da terra, em que nasceram e têm vivido, as intimidações exercidas por elementos do povo, que chegam ao extremo de ameaçá-las com a morte, se um dia forem deprehensas em mentira flagrante.

«Mas serão as crianças vítimas de alucinação? Estarão iludidas, julgando ouvir, e não ouvindo, julgando ver, e não vendo? Verificar-se-á no caso sujeito a hipótese de auto-sugestão? Mas

como, se nada autoriza semelhante suposição, de todo o ponto gratuita? Não se trata de uma só testemunha, são três. Não se trata de adultos, mais sujeitos a alucinações, mas de crianças. E que crianças! Crianças de terra idade, dotadas de perfeita saúde, e que não manifestam o mais pequeno sintoma de histerismo, segundo a declaração de um médico consciencioso que as examinou cuidadosamente.

«Dar-se-á o caso, não raro sucedido, de uma intervenção diabólica? O anjo das trevas transforma-se algumas vezes para enganar os crentes. Verificar-se-á isso agora? A Jacinta afirma que o vestido da Senhora chega apenas aos joelhos. A Lúcia e o Francisco declaram que desce até próximo dos artelhos. Haverá neste ponto confusão da parte das crianças, sobretudo por parte da mais nova? Se não, este ponto torna-se difícil de explicar e resolver. Nossa Senhora não pode, evidentemente, aparecer senão o mais decente e modestamente vestida. O vestido deveria descer até perto dos pés.»